

JORNALISMO E XENOFOBIA: outrificação e vulnerabilização humana¹ **JOURNALISM AND XENOPHOBIA: otherification and human vulnerability**

Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior²
Carlos Alberto de Carvalho³

Resumo: Neste artigo olhamos para narrativas jornalísticas que abordam a xenofobia, tomada como um problema de direitos humanos complexo, intimamente relacionado a movimentos migratórios, e agravado quando associado a outras estratégias de outrificação, como racismo, misoginia, intolerância religiosa, LGBTQUIAPN+fobia, recusa às diferenças culturais etc. Entendemos a outrificação como a oposição entre um nós considerado superior frente a outridades demarcadas como inferiores. A xenofobia consiste em uma das mais perversas formas de vulnerabilização humana, particularmente quando alcança pessoas refugiadas, que não podem retornar aos seus locais de origem por razões diversas, ao mesmo tempo em que seu acolhimento em outro país é precarizado pelo ódio outrificador. Trabalhamos a partir de um corpus de aproximadamente 900 narrativas jornalísticas, analisadas pelas perspectivas da identidade narrativa, tentando identificar em tais notícias a estima ou não pelas narrativas de vítimas de xenofobia.

Palavras-Chave: Jornalismo. Xenofobia. Outrificação.

Abstract: In this article, we look at journalistic narratives that address xenophobia, considered a complex human rights problem, closely related to migratory movements, and aggravated when associated with other strategies of otherification, such as racism, misogyny, religious intolerance, LGBTQUIAPN+phobia, rejection of cultural differences, etc. We understand otherification as the opposition between an “us” considered superior and others demarcated as inferior. Xenophobia consists of one of the most perverse forms of human vulnerability, particularly when it affects refugees, who cannot return to their places of origin for various reasons, while at the same time their reception in another country is precarious due to otherification hatred. We work from a corpus of approximately 900 journalistic narratives, analyzed from the perspectives of narrative identity, trying to identify whether or not the narratives of victims of xenophobia are esteemed.

Keywords: Journalism. Xenophobia. Otherification.

1. Outrificação como estratégia política

A extrema-direita vem se fortalecendo mundo afora neste começo de século XXI. No Brasil, particularmente desde o *impeachment* de 2016, que destituiu do comando do Executivo

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Residente pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: antoniofaustojr@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8836-9309>.

³ Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, na graduação e na pós-graduação. E-mail: carloscarvalho0209@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8433-8794>

Federal a presidenta eleita Dilma Rousseff (PT), em um golpe política e midiaticamente orquestrado e que abriu caminho para a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, identificado com os princípios da extrema-direita, com a peculiaridade de apoios de grupos religiosos de cariz também ultradireitista (Schäfer, 2023). Na Argentina, o ultraliberal Javier Milei foi eleito presidente no final de 2023, após infligir ao peronismo uma derrota considerada como histórica. Já a Alemanha, berço do nazismo, assiste à ascensão do partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha (Afd) com o mesmo discurso anti-imigração que deu o tom da vitória de Donald Trump na eleição mais recente para a presidência dos Estados Unidos.

Sem se preocuparem com a minoração das desigualdades sociais, projetos de governo dos grupos de extrema-direita adotam estratégia exatamente oposta: a de marginalizar ainda mais grupos historicamente vulneráveis, como indígenas, pessoas negras, mulheres, pessoas LGBTQUIAPN+ (sobretudo pessoas trans*)⁴ e imigrantes. A marginalização, aliás, não é suficiente, pois é necessário instituir simbolicamente tais grupos como inimigos e apontá-los como ameaças à segurança nacional, à moral, aos bons costumes. É assim que Milei, Trump e a Afd, dentre outros políticos e partidos, têm barganhado apoio e capital político, apostando na *outrificação* dessas pessoas, ou seja, no gesto narcísico de torná-las *outras* diante de um *eu* a se enxergar como superior e, por isso, digno da alcunha humanidade. Outrificar, portanto, equivale a desumanizar (hooks, 2019; Segato, 2018, 2021; Nascimento, 2021; Mombaça, 2015, 2021).

E, a depender do contexto e das disputas de sentido e de poder em que esteja enredado, o jornalismo pode atuar tanto como agente dessa desumanização quanto como agente de resistência a tais processos outrificantes. É esta dinâmica que nos propomos analisar neste artigo, dedicado às intersecções entre narrativas jornalísticas e xenofobia, a partir da hipótese de que o jornalismo é um ator social colonizado e colonizador, produto - mas também processo - “dotado de lógicas narrativas contraditórias e fraturadas” (Carvalho, 2023, p. 67).

Evitamos, dessa maneira, engessar o jornalismo e respectivos agentes nas posições de *bem* e de *mal*, pois consideramos as diversas historicidades que o enredam enquanto fenômeno, “quase sempre tomado como um universal não sujeito a clivagens, disputas de sentido e jogos de poder com outras atrizes e outros atores sociais, evoluindo sem pouca atenção às dinâmicas específicas das sociedades nas quais está inserido” (Carvalho, 2023, p. 70). Dessa maneira,

⁴ Ver “Extrema-direita faz pessoas trans de bode expiatório. Nos EUA e aqui”. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/02/05/extrema-direita-faz-pessoas-trans-de-bode-expiatorio-nos-eua-e-aqui/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

aquilo a que geralmente nos referimos no singular, jornalismo, mais bem caracterizado fica quando grafado no plural: *jornalismos*.

Por seu turno, as migrações estão historicamente associadas a processos de outrificação que se traduzem em xenofobia, alimentados pelo estabelecimento das fronteiras geopolíticas, conforme propõem Lucila Nejamkis, Luisa Conti e Mustafa Aksakal (2021, p. 7, tradução nossa): “Como vários estudos demonstraram, a criação de fronteiras por meio da organização do mundo em Estados-nação foi o que alimentou ainda mais a ideia de nós versus os outros da modernidade”⁵.

Neste trabalho, portanto, olhamos para a xenofobia como um problema de direitos humanos complexo, intimamente relacionado a movimentos migratórios, e agravado quando associado a estratégias de outrificação como racismo, misoginia, intolerância religiosa, LGBTQUIAPN+fobia, recusa às diferenças culturais etc., e como este fenômeno é jornalisticamente abordado. A xenofobia consiste em uma das mais perversas formas de vulnerabilização humana, particularmente quando alcança pessoas refugiadas, posto que estas não podem retornar aos seus locais de origem, por razões diversas, ao mesmo tempo em que seu acolhimento em outro país é precarizado pelo ódio outrificador.

2. Metodologia

Veremos como essa diferenciação entre um *eu/nós* e as *outras* pessoas é simbolicamente arregimentada em narrativas jornalísticas sobre xenofobia ao nos debruçarmos sobre aproximadamente 900 textos, coletados entre agosto e outubro de 2024, em *sites* noticiosos brasileiros de acesso aberto, via *Google Alerts*. Tal ferramenta possibilita o recebimento por *e-mail* de notícias com as palavras-chave cadastradas na criação do alerta: *xenofobia*, *migração*, *refugiados/refugiadas* e *estrangeiros/estrangeiras*. No segundo momento, sistematizamos e identificamos as notícias em planilha, a partir de dados como data de publicação, título, subtítulo, pessoas ouvidas na construção das narrativas e *site* de onde foram extraídas, além de indicação da palavra-chave nelas encontradas.

Nossa análise privilegia a identificação de quem fala, sobre o que fala e como tais falas dizem de pessoas alvo de xenofobia, com inspiração nas perspectivas da identidade narrativa trabalhadas por Paul Ricoeur (1991), particularmente no que o autor define como estima (ou falta dela) para com as narrativas alheias. Estimar ou não a narrativa alheia, quando cotejada

⁵ No original: *Como varios estudios han mostrado, la creación de las fronteras a partir de la organización del mundo en Estados naciones fue lo que alimentó, aún más, la idea del nosotros vs. otros de la modernidad*.

com os processos de outrificação, nos diz muito sobre o tipo de percepção que se constrói relativamente a quem sofre as consequências da xenofobia.

Eis, assim, o *corpus* central⁶ da análise, que neste texto não está restrita a uma seção específica. Procuramos, pois, trazer o gesto analítico a partir das notícias junto com a discussão sobre jornalismo e xenofobia, estruturada em seis seções, além de Considerações Finais e Referências, nas quais debatemos as relações entre outrificação e extrema-direita; migração e xenofobia; jornalismo e crise migratória; jornalismo e colonialidades; e outrificação e vulnerabilização. A outrificação, afinal, incide cruel e diretamente sobre a vida das pessoas por ela afetadas, muitas das quais têm a morte física decretada a partir da morte simbólica/social em que consiste o processo outrificante.

No mais, este artigo é parte da pesquisa de pós-doutorado intitulada *Racismo, xenofobia e preconceitos conexos nas audioverbovisualidades do jornalismo brasileiro*, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG).

3. Migração e xenofobia

Os movimentos migratórios estão na base do surgimento do ódio xenófobo, que parece recrudesce na mesma proporção dos aumentos de deslocamentos populacionais, intensificados a partir do século XX por razões tão diversas quanto busca de melhores condições de vida, estudos, fuga de guerras, perseguições políticas, misoginia, religiosidade, LGBTQUIAPN+fobia, crises climáticas e outras motivações. Às vezes voluntárias, as migrações permitem retornos aos locais de origem sem barreiras, o que não é possível para pessoas refugiadas, que se tornam ainda mais vulnerabilizadas diante da xenofobia sofrida nos locais de acolhimento, inclusive porque são, quase sempre, também alvos de racismo, de intolerância religiosa, de desprezo cultural, dentre outras estratégias de outrificação que constituem camadas sobrepostas de hierarquização desumanizadora.

Dados da Acnur, a Agência da ONU para Refugiados, indicam o progressivo aumento dos totais de pessoas refugiadas no mundo, como se constata para o ano de 2024:

⁶ Central, mas não o único; ao longo deste artigo, fazemos alusão também a notícias que não necessariamente correspondem ao terceiro trimestre de 2024, mas, consideramos, são importantes para ilustrar as relações entre narrativas jornalísticas e dinâmicas simbólicas de xenofobia, além de corresponderem a antecedentes ou desdobramentos de fatos noticiados entre agosto e outubro de 2024. Também recorremos a narrativas jornalísticas como fontes atualizadas sobre migrações e suas consequências.

Novas guerras, conflitos não resolvidos e um aumento nos desastres relacionados ao clima resultaram em níveis alarmantes de mortes, destruição e deslocamento forçado em 2024, exigindo das operações globais do ACNUR a responder a necessidades humanitárias cada vez mais intensas. Em nove anos, entre 2016 e 2025, o número de pessoas que foram forçadas a se deslocar tende a dobrar de acordo com as projeções do ACNUR. Eram 67 milhões de pessoas nessa condição em 2016, podendo chegar a cerca de 140 milhões de pessoas em 2025. Representativamente, seria o 10º país mais populoso do mundo! (Acnur..., 2025, *on-line*).

Noticiários de diversas mídias trazem, cotidianamente, os sofrimentos dessas populações refugiadas, mazelas que começam no esforço de saída de seus locais originários, enfrentando perseguições, mutilações e mortes, rotina que tende a se estender em travessias terrestres ou marítimas, as últimas muitas vezes em embarcações precárias e superlotadas, que não raro, naufragam matando todas as pessoas ocupantes, como tem ocorrido em fluxos migratórios da África para a Europa. Christina Sharpe denomina essa trágica realidade como uma espécie de repetição das mortes de pessoas negras africanas traficadas em navios tumbeiros entre os séculos XV e XVII, em rota atlântica ora deslocada para o Mediterrâneo (Sharpe, 2023). Quando da chegada ao destino desejado, o acolhimento pode ser tão precário quanto as condições de fuga, na posição de pessoas indocumentadas sem acesso a condições minimamente humanas de saúde, alimentação, educação etc.⁷.

No Brasil, os dados apurados pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública (Fluxo..., 2024) apontam, no período entre 2010 e agosto de 2024, a entrada de 1.700.686 pessoas migrantes, acrescidas do reconhecimento de 146.109 como refugiadas e de 450.752 solicitações de reconhecimento da condição de pessoa refugiada, totalizando cerca de 2,3 milhões de pessoas em fluxo migratório. Venezuela (500.636), Haiti (183.102) e Bolívia (110.795) são os principais países desse fluxo migratório, enquanto os reconhecimentos de pessoas refugiadas, em ordem de maior número, são da Venezuela (134.089), da Síria (4.100) e da República Democrática do Congo (1.158). Já os dados de pessoas solicitantes de refúgio indicam que as principais nacionalidades são venezuelana (257.186), cubana (41.800) e haitiana (40.483) (Fluxo..., 2024).

Uma vez no Brasil, muitas pessoas refugiadas estão longe de acolhimento condizente com preceitos de direitos humanos, passando a enfrentar precariedades impostas por xenofobia e problemas conexos, como racismo, desemprego, falta de acesso adequado a moradia, alimentação, assistência à saúde, educação e outras falhas, às quais também são detectadas situações análogas ao trabalho escravo. Deivison Mendes Faustino e Leila Maria de Oliveira

⁷ Ver “3 gráficos que mostram o aumento histórico de refugiados no mundo”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cj77m54lpj8o>. Acesso em: 12 fev. 2025.

(2021) identificam, nas interconexões entre xenofobia e racismo por parte de pessoas brasileiras, traços da própria constituição racista do Brasil, projetados em dinâmicas de outrificação relativamente a nacionalidades tidas como não brancas.

Conceitualmente, a xenofobia costuma ser identificada como medo do estrangeiro, pavor que se estenderia à categoria genérica das fobias, entendidas, a princípio, como condição natural da espécie humana, de que seria exemplo, dentre outras, a claustrofobia, o pânico de lugares fechados. As limitações dessa perspectiva conceitual começam pela negligência da dimensão cultural, política e ideológica em que se assentam sentimentos de repulsa como a xenofobia, a homofobia e outras estratégias humanas de hierarquização excludente. Desse modo, um ponto de partida está na ignorância quanto à humanidade das pessoas consideradas inferiores, mas a xenofobia é mais complexa, como ressalta Leticia Calderón Chelius:

É importante ressaltar que a xenofobia é mais do que simples ignorância ou mesmo um comportamento replicador de valores que o modelo colonial (século XVI) impôs como modelo do ideal versus sua antítese, que historicamente justificou a subjugação das nações não apenas por meios militares (conquista), econômicos ou políticos, mas até mesmo pela imposição dos valores mais sublimes de certas culturas nacionais (xenofilia) em relação a nacionalidades indesejáveis ou supostamente inferiores (xenofobia). Trata-se, então, de um legado que permite que persista o racismo que as próprias sociedades reproduzem dentro de seus contextos nacionais (Navarrete, 2016), mas que no cenário migratório é vitalizado e utilizado como pretexto não apenas para encobrir comportamentos individuais ofensivos para com os outros, mas é um argumento legitimado para encobrir ações criminosas (tráfico de pessoas), controle político e reprodução de valores sociais que preservam aqueles mesmos ideais culturais que definiram o mundo há mais de 500 anos (Chelius, 2021, p. 281, tradução nossa)⁸.

Enraizada como se encontra em diversas sociedades, a xenofobia coloca à prova a capacidade do jornalismo de lidar com temas complexos sem cair nas armadilhas da outrificação. Ainda pensando com Leticia Calderón Chelius (2021, p. 281, tradução nossa), a xenofobia “é a negação do outro, uma tentativa de diminuição da personalidade e autoestima ao exaltar a alteridade ao desqualificar o oposto”⁹. Como realidade socialmente construída, e não parte de medos individuais inerentes, a xenofobia tem que ser combatida a partir do

⁸ No original: *Es importante enfatizar que la xenofobia es más que simple ignorancia o incluso una conducta que replica valores que el modelo colonial (siglo XVI) impuso como modelo de lo ideal vs su antítesis, que ha justificado históricamente la sujeción de las naciones no solo por la vía militar (conquista), económica o política, sino incluso, por la imposición de los valores más sublimes de ciertas culturas nacionales (xenofilia) respecto a las nacionalidades indeseables o supuestamente inferiores (xenofobia). Se trata, entonces, de una herencia que permite que persista el racismo que las propias sociedades reproducen al interior de sus contextos nacionales (Navarrete, 2016), pero que en el escenario migratorio se vitaliza y se usa como un pretexto no solo para encubrir conductas individuales ofensivas hacia otros, sino que es un argumento legitimado para encubrir acciones criminales (trata de personas), de control político y reproducción de valores sociales que preservan esos mismos ideales culturales que definieron al mundo hace más de 500 años.*

⁹ No original: *la negación del otro, un intento de disminución de la personalidad y la autoestima a partir de exaltar la otredad descalificando la contraria.*

reconhecimento das suas estratégias de outrificação desumanizadora e o jornalismo pode ser parte fundamental dessa equação, assim como pode agravar os ódios xenofóbicos.

4. Crise migratória na mídia

Em 2015, imagens chocantes do corpo de um menino sírio estirado em praia da cidade de Bodrum, no litoral da Turquia, virou símbolo da grave crise migratória que assola a Europa neste começo do século XXI (FIG. 1). A criança morreu por afogamento, após o naufrágio de duas embarcações com imigrantes que partiram de Bodrum com destino à Ilha de Kos, na Grécia.



FIGURA 1 - Imagens do corpo de Aylan Kurdi estirado em praia da Turquia após barco com imigrantes naufragar. CRÉDITO: NILÜFER DEMIR/ FONTE: G1 E GOOGLE IMAGENS.

Entre nove e doze pessoas perderam a vida no naufrágio, segundo informações da imprensa mundial, inclusive do *G1*, no Brasil, que identificou o garoto como Aylan Kurdi, de três anos, nascido na cidade de Kobani, na Síria, assolada pelo conflito entre Estado Islâmico e forças curdas. Um irmão de Aylan, de cinco anos, também perdeu a vida no naufrágio. Segundo o *G1*:

O primeiro barco, que transportava 16 pessoas a bordo, afundou em águas internacionais, segundo uma fonte da Guarda Costeira turca que pediu anonimato. Ao ouvir os gritos dos náufragos, os agentes turcos atuaram rapidamente e conseguiram salvar três pessoas, mas também retiraram sete corpos da água. Outros seis passageiros ficaram desaparecidos. No segundo barco estavam seis sírios que também tinham Kos como destino, mas a embarcação afundou perto de Bodrum. Duas pessoas foram resgatadas, duas morreram e outras duas estavam desaparecidas. Há vários meses, pessoas procedentes da Síria, Afeganistão ou África tentam cruzar o Mar Egeu para chegar às ilhas gregas, uma porta de entrada para a União Europeia (UE) (Imigrantes..., 2015, *on-line*).

No ano seguinte, 2016, pessoas refugiadas competiriam pela primeira vez nas Olimpíadas, então realizadas no Rio de Janeiro (RJ), Brasil, pelo Time Olímpico de Refugiados do COI (Comitê Olímpico Internacional). Parte da história desta equipe é narrada no longa-metragem *As Nadadoras* (2022), lançado pela *Netflix*, a contar a trajetória da atleta síria Yusra Mardini, que, junto com a irmã Sarah Mardini, nadou por cerca de três horas, no Mar Egeu, para empurrar o barco de imigrantes em que estavam, junto com outras pessoas, após a embarcação ficar à deriva. Elas também tinham partido da Turquia em direção à Grécia.

A crise de pessoas refugiadas constitui grave problema de direitos humanos também no Brasil, cuja fronteira com a Venezuela, no estado de Roraima (RR), extremo-norte brasileiro, abriga um dos principais focos desse problema. No começo de agosto de 2024, por exemplo, logo após a eleição presidencial venezuelana que terminou com a reeleição de Nicolás Maduro em 28 de julho, mais de 400 pessoas ingressaram no Brasil, conforme apuração da *CNN* junto ao Exército Brasileiro. O então vice-prefeito de Pacaraima (RR), Simeão Peixoto, constitui a única fonte ouvida pela *CNN* com depoimentos reproduzidos na reportagem:

Nos últimos dias a *CNN* relatou filas na fronteira da Venezuela com o Brasil, além de filas em mercados e postos de combustíveis na cidade de Pacaraima, em Roraima, onde fica a fronteira terrestre entre os dois países. Em entrevista à *CNN*, o vice-prefeito da cidade, Simeão Peixoto, comentou a tensão na região. “O maior impacto na fronteira que a gente tem sentido é a insegurança, né? A insegurança por parte dos venezuelanos que estão saindo e a insegurança de fronteira, o medo de uma guerra civil”, comenta ele. “O fluxo de atendimento na saúde também aumentou assustadoramente, o fluxo na parte dos programas sociais também e a movimentação do Exército Venezuelano nas cidades próximas à fronteira nos preocupa bastante”, completa (Após eleição..., 2024, *on-line*).

Salta do depoimento do vice-prefeito de Pacaraima (RR) a equiparação de pessoas venezuelanas à marginalidade e à condição de inimigas quando ele fala em “sensação de insegurança” e em “medo de uma guerra civil”. Expressões que, em última instância, consistem na equiparação dessas pessoas ao mal, em acordo com os binarismos instituídos pelo paradigma da modernidade/colonialidade (Maldonado-Torres, 2018) e que dão a sustentação simbólica necessária à classificação do mundo entre humanidade e abjeção (Lugones, 2014; Mombaça, 2021).

O jornalismo, portanto, desempenha papel estratégico na contemporânea crise migratória, tanto no que diz respeito ao direito e estima (ou falta dela) às narrativas das pessoas migrantes quanto no impacto dos fatos noticiados junto a governos e organizações de direitos humanos. Crise, aliás, que tende a se intensificar com o retorno de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, após uma campanha - e uma vitória - eleitoral baseada na incitação do pânico moral contra migrantes.

5. Jornalismo e colonialidades

No final de janeiro deste ano, multiplicaram-se na imprensa nacional notícias sobre voos oriundos dos Estados Unidos a aterrissarem no Brasil com pessoas que estavam ilegalmente naquele país e foram, por isso, deportadas pela nova gestão de Donald Trump. Transportadas em aviões militares, essas pessoas desembarcaram no dia 25 de janeiro em Belo Horizonte, no Aeroporto de Confins, algemadas e acorrentadas pelos pés. Em depoimento à imprensa, algumas relataram episódios de violência física e simbólica por parte de militares norte-americanos durante o trajeto, dentre eles a proibição de usar o banheiro.

Para a discussão ora proposta, a perspectiva das colonialidades do saber e do poder é, certamente, estratégica no debate sobre redes textuais e disputas de sentido a constituírem as narrativas jornalísticas contemporâneas acerca da crise migratória e da xenofobia. Mas, sem cotejá-la com as questões relativas às colonialidades do ser, apreendemos pouco - ou nada - da moderna engrenagem de classificação e de hierarquização humana da qual o jornalismo atua como peça fundamental:

As visões de mundo não podem ser sustentadas apenas pela virtude do poder. Várias formas de acordo e de consentimento precisam ser parte delas. Ideias sobre o sentido dos conceitos e a qualidade da experiência vivida (ser), sobre o que constitui o conhecimento ou pontos de vista válidos (conhecimento) e sobre o que representa a ordem econômica e política (poder) são áreas básicas que ajudam a definir como as coisas são concebidas e aceitas em uma dada visão de mundo. A identidade e a atividade (subjetividade) humana também produzem e se desenvolvem dentro de contextos que têm funcionamentos precisos de poder, noções de ser e concepções de conhecimento (Maldonado-Torres, 2018, p. 48).

As dimensões do *ser*, do *saber* e do *poder* constituem, assim, a tríade sobre a qual se assenta a modernidade/colonialidade, paradigma que vende uma concepção de humanidade baseada na diferenciação entre seres inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos (Quijano, 2009; Maldonado-Torres, 2018, Veiga da Silva; Moraes, 2021). Fronteiras geográficas são uma das maneiras de assegurar tal diferenciação na contemporaneidade: são construções políticas, simbólicas e posicionais, mas apresentadas como se fossem genéticas (Hall, 2013). Apagam, assim, a história por meio da biologia.

Daí o porquê de o presidente da Colômbia, Gustavo Petro, declarar, em resposta às ameaças feitas por Donald Trump de aumentar as tarifas para produtos colombianos: “Não gosto do seu petróleo, Trump. Ele vai acabar com a espécie humana pela ganância. Talvez possamos algum dia falar francamente sobre isso. Mas é difícil, porque você me considera de

uma raça inferior. Não sou. Nenhum colombiano é”¹⁰. Fronteiras, portanto, têm também um caráter comunicacional, se considerarmos que a comunicação engloba não só processos de produção de subjetividades, mas também os de destruição de subjetividades (Fausto da Silva Júnior, 2024). Há nesta dinâmica de destruição, afinal, uma produção de sentidos que possibilita a formação de vínculos. E a articulação da extrema-direita mundo afora, por meio de xenofobia, misoginia, racismo, LGBTQUIAPN+fobia etc., é exemplo disso.

Heinrich Wilhelm Schäfer (2023), estudioso de religiões, é uma das muitas vozes que têm chamado atenção para o agravamento de processos de outrificação (embora ele não adote especificamente essa definição, lidando com classes sociológicas mais amplas, como guerras morais e preconceitos) que atingem pessoas migrantes e LGBTQUIAPN+. O autor identifica, em alianças religiosas de matriz de extrema-direita e governantes como Donald Trump e Jair Bolsonaro, o agravamento de perseguições e consequente vulnerabilização de pessoas eleitas como inimigas por posições políticas centradas em hierarquizações excludentes e desumanizadoras. No campo específico de estudos sobre migrações e xenofobia, também há pesquisas que indicam relações íntimas entre a extrema-direita e o agravamento das políticas e dos ódios xenofóbicos (Ribeiro; Pereira, 2019).

Alguns textos jornalísticos integrantes do nosso *corpus* de análise atestam esse caráter simbólico das fronteiras, inclusive pela animalização de imigrantes. No dia 10 de setembro de 2024, o *G1* publicou a notícia “Trump diz que imigrantes estão comendo cachorros dos americanos e é desmentido ao vivo”, donde consta a seguinte afirmação: “[...] a Associated Press reportou que a campanha de Trump estava propagando falsos rumores de que imigrantes haitianos estavam roubando e comendo pets em Ohio.” (Trump..., 2024, *on-line*). No parágrafo logo abaixo, o *G1* ressalta: “O candidato a vice na chapa de Trump admitiu que os rumores poderiam ser falsos.” (Trump..., 2024, *on-line*).

Temos, aí, um exemplo evidente de destruição não apenas de subjetividades, mas também de reputação, no qual a outra pessoa (estrangeira) é equiparada não apenas a animais, mas a verdadeiras monstruosidades, capazes, inclusive, de comer animais domésticos. Como era esperado, a repercussão das declarações de Trump foi imensa, a ponto de a Ministra das Relações Exteriores do Haiti, Dominique Dupuy, manifestar-se em carta pública: “Não é a

¹⁰ No original: *No me gusta su petroleo, Trump, va a acabar con la especie humana por la codicia. Quizás algún día, junto a un trago de Whisky qué acepto, a pesar de mi gastritis, podamos hablar francamente de esto, pero es difícil porque usted me considera una raza inferior y no lo soy, ni ningún colombiano*. Disponível em: <https://x.com/petrogustavo/status/1883624818811236502>. Acesso em: 29 jan. 2025.

primeira vez que somos vítimas de campanhas de desinformação, estigmatizados e desumanizados para servir a interesses políticos” (Paixão, 2024, *on-line*).

No caso das acusações feitas por Trump contra pessoas haitianas noticiadas pelo *G1*, é evidente que não se trata de um caso apenas de xenofobia, mas, também de racismo, o que levou Dominique Dupuy a citar a autora negra norte-americana Toni Morrison no *X*, antigo *Twitter*, antes mesmo de soltar a carta pública: “A função do racismo é a distração. Ele impede você de fazer seu trabalho. Ele mantém você explicando, repetidamente, sua razão de ser” (Paixão, 2024, *on-line*). Mesmo estando evidente, portanto, que as declarações de Donald Trump foram tão xenofóbicas quanto racistas, o *G1* não nomeia nenhuma dessas duas formas de preconceito na notícia “Trump diz que imigrantes estão comendo cachorros dos americanos e é desmentido ao vivo”.

O racismo, afinal, foi - e continua sendo - o combustível da modernidade e o “eixo articulador do padrão universal do capitalismo eurocentrado” (Quijano, 2009, p. 114). Deu o tom da divisão do mundo em continentes, na qual a Europa passa a figurar no centro do mapa-múndi, e em países; em categorias sociais (pessoas brancas/negras/amarelas/indígenas); em raças e, assim, e em civilizações inferiores e superiores. Configura-se, por isso, também como uma episteme, sobre a qual está assentada não apenas a ciência moderna, mas também o próprio jornalismo, a partir da noção de *objetividade* (Quijano, 2009; Maldonado-Torres, 2018; Hall, 2011, 2013; Veiga da Silva; Moraes, 2021). Tal qual a xenofobia.

É sintomática dessa episteme outrificante a postagem feita por uma pessoa italiana nas redes sociais sobre a vitória da brasileira Glelany Cavalcante, natural da Bahia, no Miss Universo Itália 2024: “Fazer uma verdadeira italiana vencer, não é??? Pode esta garota representar a italianidade? Não estou dizendo que ela não é bonita, mas não representa a beleza italiana na minha opinião. E deixo claro que não é racismo, mas *objetividade*.” (Brasileira..., 2024, *on-line*, grifo nosso). A postagem foi reproduzida na notícia “Brasileira sofre xenofobia por representar a Itália no Miss Universo”, publicada pelo *UOL* em 19 de setembro de 2024, sem um apontamento, por parte do portal, para a outrificação embutida no termo *objetividade*.

Nem seria possível, de acordo com Márcia Veiga da Silva e Fabiana Moraes (2021), pois para as autoras o jornalismo brasileiro ainda não conseguiu superar a episteme eurocentrada a partir da qual se constitui como práxis e, também, como campo de conhecimento:

Entre os valores paradigmáticos e epistemológicos em que o jornalismo se assenta, destacam-se as noções de objetividade, neutralidade e universalidade, de base moderno-positivista-masculinista-racista que fundamenta o cientificismo. Tais valores fundamentam os métodos e conceitos que ainda parecem predominar no

pensar e no fazer jornalístico, envolvendo o campo como um todo, e não apenas restrito às práticas jornalísticas desempenhadas no mercado (Veiga da Silva; Moraes, 2021, p. 98-99).

Logo, a objetividade mencionada na postagem preconceituosa sobre a brasileira representante da Itália em concurso de beleza (Brasileira..., 2024, *on-line*) é a mesma objetividade do cientificismo moderno, erigido sobre episteme outrificante e desumanizadora: o *ego conquiro* violento e espoliador para com povos outrificados foi, afinal, o que possibilitou o *ego cogito* europeu (Maldonado-Torres, 2018).

A visada de Veiga da Silva e Moraes (2021) dialoga com a hipótese de trabalho adotada neste artigo, a de que o jornalismo é ator social colonizado e colonizador (Carvalho, 2023), em dinâmica de retroalimentação na qual a universidade e os cursos de jornalismo desempenham papel estratégico¹¹: “[...] devem ser revisadas as perspectivas fundantes que, em função do tempo histórico e das relações constitutivas de poder-saber nas quais foram elaboradas, acabam por restringir as condições de compreensão dos sujeitos e das coisas do mundo” (Veiga da Silva; Moraes, 2021, p. 99-100).

O jornalismo se constitui, assim, como um campo de saber e, também, de poder (Veiga da Silva; Moraes, 2021; Fausto da Silva Jr., 2024; Barbosa, 2012), fundamental para o funcionamento das engrenagens das colonialidades do ser e, conseqüentemente, do paradigma da modernidade/colonialidade. Por sua vez, tais dinâmicas de outrificação perpetuadas e acentuadas pelo jornalismo, como a xenofobia e o racismo, não se limitam à dimensão simbólica: servem, muitas vezes, de justificativa para infligir as mais diversas modalidades de violência física às pessoas por elas afetadas. Não se trata, afinal, de vidas humanas. Este é o foco da seção seguinte.

6. Da outrificação à vulnerabilização

No dia 7 de fevereiro de 2025, o jornal mineiro *O Tempo* publicou, no *Instagram*, imagem de pessoas brasileiras a ingressarem em avião da Força Aérea Brasileira (FAB), no aeroporto de Fortaleza (CE), depois de terem desembarcado acorrentadas e algemadas, no mesmo aeroporto, após deportação pelos Estados Unidos¹². Na parte inferior da imagem, a chamada: “Brasileiros deportados dos EUA chegaram em Fortaleza com fome, algemados e

¹¹ Para uma discussão sobre o estatuto de centralidade que a universidade desempenha na manutenção da colonialidade, ver Rita Segato (2021).

¹² Postagem disponível em: <https://www.instagram.com/p/DFyn-hcu28l/?igsh=cHZrdDVxbXhsMnly>. Acesso em 7 fev. 2025.

acorrentados”. O texto da postagem é identificado pela retranca “vulnerabilidade social”, grafada em maiúsculas (FIG. 2). A matéria à qual a postagem faz alusão, por sua vez, não analisa o contexto a engendrar tal vulnerabilidade, limitando-se a reproduzir informações concedidas pela Secretária de Direitos Humanos do Ceará, Socorro França, em coletiva de imprensa (Brasileiros..., 2025, *on-line*). O típico jornalismo declaratório (Oliveira, 2018).



FIGURA 2 - Postagem sobre deportação de pessoas brasileiras pelos Estados Unidos no Instagram de *O Tempo* fala em “vulnerabilidade social”.

FONTE: REPRODUÇÃO/INSTAGRAM.

O contexto, afinal, é a colonialidade e tal vulnerabilidade referida pelo jornal é produzida pelas dinâmicas de outrificação e de desumanização. Ao extirpar a humanidade de pessoas imigrantes latino-americanas e também haitianas, Donald Trump equipara-as a animais e, assim, abre brechas para que as Forças Armadas dos Estados Unidos dispensem a elas o mesmo tratamento que dispensariam a um *bicho* ameaçador, o de subtrair-lhe, com amarras, a possibilidade de ir e vir.

A mesma estratégia de confinamento, resguardadas as devidas proporções, empregada por Israel, com apoio estadunidense, como arma de guerra em Gaza e que consiste em privar o

povo palestino de espaço - ou seja, do direito de ir e vir -, de comida e de saneamento básico. Isso foi constatado por organizações internacionais com atuação em Gaza e narrado em relatório divulgado no começo do segundo semestre de 2024. O *Diário de Pernambuco*, por exemplo, noticiou a divulgação desse documento em 17 de setembro de 2024:

Um relatório elaborado por organizações que operam na Faixa de Gaza denunciou que Israel bloqueou 83% da ajuda alimentar e aponta que os habitantes têm apenas uma refeição a cada dois dias. “Estima-se que até ao [sic] final do ano 50 mil crianças necessitarão urgentemente de tratamento para a desnutrição”, alertaram as organizações humanitárias, que incluem a Save the Children, a Oxfam e o Conselho Norueguês para os Refugiados. Em 2023, comparativamente, 34% da ajuda alimentar de que o enclave palestino precisava foi fornecido, permitindo aos habitantes de Gaza, em média, fazer duas refeições por dia (Alvarez, 2024, *on-line*).

Se 34% da ajuda alimentar de que Gaza (nomeada na matéria como *enclave*, ou seja, coisa de difícil remoção) necessitava foi fornecido em 2023, 66% não o foi, pendência não mencionada no texto, tão apegado às informações da fonte quanto as notícias do *UOL* sobre xenofobia e de *O Tempo* sobre deportação, anteriormente analisadas. O sintético texto do *Diário de Pernambuco* também não esmiuça o porquê da incursão violenta e desumana de Israel contra a população palestina em Gaza: racismo e xenofobia.

Não há, nos três casos, nenhum gesto analítico do jornalismo no sentido de contextualizar, politicamente, o sofrimento imputado às diferentes populações, cujas aparições nessas narrativas se dá quase que de forma reificada, o que indica uma falta de estima (Ricoeur, 1991) por parte desse jornalismo para com as narrativas alheias. Assim, tal jornalismo termina por reforçar e por reproduzir a condição de matáveis (Mombaça, 2021) e de supérfluas (Mbembe, 2021) dessas pessoas, retroalimentando um círculo vicioso a culminar em mortes físicas e genocídios.

Exemplo disso é o caso de Evans Osei Wusu, oriundo de Gana, de 39 anos, que faleceu em agosto de 2024, quando estava no Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo (SP), a aguardar autorização para ingressar no Brasil. O *GI*, por exemplo, em 6 de setembro de 2024, definiu como “jogo de empurra” (Patriarca; Marques, 2024a) a transferência entre as autoridades brasileiras da responsabilidade pela custódia de Wusu durante o período em que ele esteve no Brasil. Como se o imigrante fosse, de fato, um objeto:

A morte do imigrante Evans Osei Wusu após passar mal enquanto estava retido no Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos, e o enterro de seu corpo no Brasil sem autorização da família de Gana ainda não são investigados por autoridades brasileiras. O *gi* e a TV Globo procuraram o Ministério da Justiça e Segurança Pública, Polícia Federal, Secretaria da Saúde do estado de São Paulo, Secretaria da Segurança Pública do estado de São Paulo, Prefeitura de Guarulhos, Aeroporto de Guarulhos e companhia aérea Latam. Nenhum dos órgãos esclarece e todos repassam

a responsabilidade de investigação do caso, que segue sem esclarecimentos (Patriarca; Marques, 2024a, *on-line*).

Noutra notícia, de 10 de setembro de 2024, o *G1* anuncia a obtenção, “com exclusividade” (Patriarca; Marques, 2024b), de vídeo do dia 11 de agosto a mostrar o momento em que Wusu é atendido por uma equipe médica, no Aeroporto Internacional de Guarulhos, e levado até o Hospital Geral de Guarulhos, onde viria a falecer em decorrência de infecção generalizada dois dias depois. Além de disponibilizar o vídeo, a matéria é ilustrada com *frame* do audiovisual que mostra Evans Wusu visivelmente abatido, sem camisa, enquanto recebe atendimento após reclamar de dores (FIG. 3). É notória, na imagem, a disparidade entre as cores da pele negra de Wusu e da pessoa - branca - que o atende, sintomática de como xenofobia e racismo costumam se irmanar ao longo do rol de outrificações instituídas pelo paradigma da modernidade/colonialidade.



Evans Wusu recebendo atendimento médico no dia 11 de agosto no Aeroporto de SP — Foto: Reprodução

FIGURA 3 - *Frame* de vídeo obtido pelo *G1* mostra Evans Wusu em atendimento médico em Guarulhos (SP).
FONTE: G1.

O *frame* do vídeo a ilustrar a matéria nos remete à imagem do homem negro insensível, invulnerável e que não sente dor, integrante do mesmo rol de desumanizações a culminar na imagem do homem cisgênero negro como violento por natureza, estuprador, incontrolável e, por isso, animal irracional - *bicho*. O *G1*, dessa forma, segue matando simbolicamente Wusu, mesmo depois da morte física.

Outrificante e desumanizante, o *frame* evoca imaginários racistas a resultarem, historicamente, no assassinato de homens cisgêneros negros, como João Alberto Silveira Freitas, torturado até a morte por seguranças do Carrefour no estacionamento de um

supermercado da rede, em Porto Alegre (RS), em 2020; Moïse Kabagambe, imigrante congolês morto a pauladas em quiosque da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro (RJ), em 2022; e de George Floyd, morto por asfixia, sob o joelho de um policial branco, em 2020, nos Estados Unidos.

Dinâmicas de outrificação, portanto, afetam drasticamente a vida de pessoas mundo afora, chegando ao extremo de tornar-lhes a existência insuportável, e a parte que cabe ao jornalismo nestes processos de desumanização não é irrelevante, pelo contrário. As vulnerabilidades daí decorrentes consistem em interdição do direito de ir e vir, deslocamentos forçados, fome, maior suscetibilidade a doenças e epidemias e morte física, muitas vezes sem o direito a um enterro digno, como no caso de Evans Osei Wuse, quando não em genocídios, a exemplo da população negra, no Brasil, e da população palestina, em Gaza. Ambas abatidas por armas israelenses (Goulart, 2023, *on-line*) e convertidas em meras estatísticas por um jornalismo de viés eurocentrado.

Especificamente no recorte das narrativas jornalísticas coletadas entre agosto e outubro de 2024, retomando as perspectivas da identidade narrativa, de Paul Ricoeur (1991), notamos que prevalecem falas terceiras sobre as vítimas da xenofobia, vindas de organismos que trabalham em prol de pessoas refugiadas, de autoridades governamentais, de especialistas em migrações, dentre outras instituições e pessoas. Embora não sejam todas elas falas que outrifiquem quem está em situação de vulnerabilidade face à xenofobia, são indicativas da morte social experimentada por pessoas obrigadas a viver distante das suas terras e das suas gentes, privadas também das narrativas pessoais sobre suas vidas, experiências, reivindicações e expectativas.

As duas notícias do *G1* sobre a morte de Evans Wusu, por exemplo, reproduzem excertos de notas emitidas pela concessionária que administra o Aeroporto Internacional de Guarulhos, pela companhia aérea Latam, pelas secretarias da Segurança Pública e da Saúde do estado de São Paulo e pelo Ministério da Justiça e da Segurança Pública. Ignoram, assim, os relatos das pessoas imigrantes que conviveram com Wusu no Aeroporto de Guarulhos, mesmo quando falam das violações de direitos humanos constatadas na área restrita para imigrantes retidos à espera de refúgio, no Terminal 3. Neste caso, a experiência desumana vivenciada por imigrantes é narrada, em terceira pessoa, por defensor público:

“Nós encontramos pessoas com sintomas gripais, pessoas reclamando de outros problemas de saúde. Muito frio, porque muitas delas estão sem cobertor. É inverno em São Paulo. Aeroporto é um lugar frio, sem acesso a [sic] alimentação adequada, sem acesso a remédios, com dificuldades de fazer as suas higienes diárias, banho, escovar dente. Então, há uma situação massiva de violação aos direitos fundamentais

daquelas pessoas ali”, afirmou o defensor público Ed William Fuloni à TV Globo (Patriarca; Marques, 2024a, *on-line*).

Qualquer semelhança com a situação vivida pela população palestina em Gaza não é mera coincidência; ambos são grupos relegados pelas colonialidades do ser à condição de outros, de animais, expressa inclusive no silenciamento e na terceirização das narrativas dessas pessoas pelo jornalismo. As exceções encontradas no *corpus* analisado são referentes às coberturas de efemérides, como ações de responsabilidade social empresarial a envolverem imigrantes¹³ e as Olimpíadas de 2024, cuja equipe de pessoas refugiadas surge como tema de várias notícias publicadas no terceiro trimestre deste mesmo ano.

Depoimento da afegã Manizha Talash, atleta de *break* do time de pessoas refugiadas, publicado na *CNN Brasil* refuta, por exemplo, o senso comum acerca da solicitação de refúgio quando oriunda do Oriente Médio: “‘Eu não deixei o Afeganistão porque tenho medo do Talibã ou porque não posso viver no Afeganistão’, disse antes que a apresentação começasse. ‘Eu deixei porque quero fazer o que posso pelas meninas no Afeganistão, pela minha vida, meu futuro, por todos’, completou.” (Church, 2024, *on-line*).

Além do silenciamento de imigrantes, outra lacuna também notável no *corpus* consiste na não nomeação dos dramas enfrentados por pessoas refugiadas como consequência da xenofobia e problemas conexos (racismo, misoginia, LGBTQUIAPN+fobia, intolerância religiosa etc.). Desse modo, as migrações, forçadas ou não, embora quase sempre noticiadas como desafiadoras, não são necessariamente abordadas a partir da matriz xenofóbica que lhes é inerente e que, se não superada, continuará a perpetuar estratégias de outrificação que desumanizam e vulnerabilizam.

7. Considerações finais

A morte social e simbólica imputada pela xenofobia e demais processos de outrificação, como o racismo, nem sempre se esgota no findar da vida física. Às vezes, a reputação de pessoas que são alvo de processos xenófobos e outrificantes continua a ser arruinada mesmo depois do perecimento do corpo físico, inclusive pelo jornalismo. Aylan Kurdi, Evans Osei Wusu e Moïse Kabagambe são algumas das milhares de pessoas cuja humanidade foi diminuída, ou mesmo anulada, por modernos processos desumanizantes, que historicamente

¹³ Ver, por exemplo, “Imigrantes buscam recomeço na região e chegam com moradia e empregos garantidos”, do Jornal de Beltrão (PR). Disponível em: <https://jornaldebeltrao.com.br/regional/imigrantes-buscam-recomeco-e-chegam-com-emprego-garantido/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

têm no jornalismo um aliado, e que não cessaram mesmo depois de seus corpos terem sucumbido às violências simbólicas.

Violências, aliás, que não costumam ser nomeadas nas narrativas jornalísticas que delas se ocupam e onde costumam ser tratadas como *mais uma* efeméride, sem a devida contextualização analítica e, assim, sem a devida mensuração de processos desumanizantes e excludentes que, mais do que históricos, são estruturais. Dependendo do contexto e das negociações empreendidas pelo campo jornalístico com os demais campos de saber e de poder, como o Executivo, o Legislativo e o Empresarial, as estratégias narrativas podem mudar e o silenciamento, por exemplo, pode dar lugar à fala, em dinâmica semelhante ao que Jota Mombaça (2021) chama de inclusão pela exclusão. Ou a diferença que não faz diferença (hooks, 2019).

Como jornalistas, docentes e pesquisadores em Comunicação, precisamos (re)pensar o papel exercido pelo jornalismo nessa moderna engrenagem de outrificação, onde violências simbólicas e físicas se retroalimentam e mantêm pessoas confinadas e suscetíveis ao frio, à fome, a péssimas condições sanitárias e a doenças mundo afora. Nomear tais agressões simbólicas pelo que elas são, de fato, já seria um primeiro passo. Tanto na sala de aula quanto na imprensa.

Referências

ACNUR contabilizou intensificação dos conflitos em 2024. **Portal da ACNUR Brasil**, Brasília, 6 fev. 2025. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/acnur-contabilizou-intensificacao-dos-conflitos-em-2024>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ALVAREZ, Isabel. Ongs afirmam que Israel bloqueou 83% da ajuda alimentar a Gaza. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 set. 2024. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/mundo/2024/09/ongs-afirmam-que-israel-bloqueou-83-da-ajuda-alimentar-a-gaza.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

APÓS eleição, mais de 400 venezuelanos entram no Brasil. **CNN Brasil**, São Paulo, 2 ago. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-duran/nacional/apos-eleicao-mais-de-400-venezuelanos-entram-no-brasil/>. Acesso em: 13 jan. 2025.

BARBOSA, Marialva Carlos. O presente e o passado como processo comunicacional. **MATRIZES**, São Paulo, ano 5, n. 2, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matriz/article/viewFile/38330/41187>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BRASILEIRA sofre xenofobia por representar a Itália no Miss Universo. **Splash UOL**, São Paulo, 19 set. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/09/19/brasileira-sofre-xenofobia-por-representar-a-italia-no-miss-universo.htm>. Acesso em: 15 jan. 2025.

BRASILEIROS deportados dos EUA chegaram em Fortaleza com fome, algemados e acorrentados. **O Tempo**, Belo Horizonte, 7 fev. 2025. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/2025/2/7/brasileiros-deportados-dos-eua-chegaram-em-fortaleza-com-fome-algemados-e-acorrentados>. Acesso em: 8 fev. 2025.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **O jornalismo, ator social colonizado e colonizador**. Curitiba: CRV, 2023.

CHELIUS, Leticia Calderón. La sutil xenofobia que negamos. El caso de México. In: RAMÍREZ Gallegos, J. [et al.]. **(Re)pensando el vínculo entre migración y crisis**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Guadalajara: CALAS, 2021. p. 279-300.

CHURCH, Ben. Afegã que fugiu do país fala do orgulho de fazer parte da equipe de refugiados. CNN Brasil, São Paulo, 9 ago. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/olimpia-das/afega-que-fugiu-do-pais-fala-do-orgulho-de-fazer-parte-da-equipe-de-refugiados/>. Acesso em: 8 fev. 2025.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Leila Maria de. Xeno-racismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU: revista interdisciplinar da mobilidade humana**, v. 29, n. 63, p. 193-210, 2021.

FAUSTO DA SILVA JR., Antonio Carlos. **Um Olhar Ético, Erótico e Errático para o Racismo a partir de Anúncios de Orgias Barebacking Sex**. Belo Horizonte, 2024. 160 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/68293>. Acesso em: 3 jan. 2025.

FLUXO migratório no Brasil foi de 2,3 milhões de pessoas em 14 anos, aponta Boletim das Migrações. **Portal do Ministério da Justiça e Segurança Pública**, Brasília, 10 out. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/fluxo-migratorio-no-brasil-foi-de-2-3-milhoes-de-pessoas-em-14-anos-aponta-boletim-das-migracoes>. Acesso em: 12 fev. 2025.

GOULART, Fransérgio. Qual a relação da produção de mortes em favelas e o Estado de Israel? **Ponte**, São Paulo, 28 mar. 2023. Disponível em: <https://ponte.org/artigo-qual-a-relacao-da-producao-de-mortes-em-favelas-e-o-estado-de-israel/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. 2. ed. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

hooks, bell. **Olhares Negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

IMIGRANTES sírios morrem afogados em tentativa de chegar à Grécia. **G1**, São Paulo, 2 set. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/imigrantes-sirios-morrem-afogados-em-tentativa-de-chegar-grecia.html>. Acesso em: 5 jan. 2025.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-953, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 31-61. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. Tradução Marta Lança. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não Vão nos Matar Agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBACA, Jota. Pode um cu mestiço falar? **Mostrx Erratik [Medium]**, 6 jan. 2015.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Coleção Feminismos Plurais/Coordenação Djamila Ribeiro).

NEJAMKIS, Lucila; CONTI, Luisa; AKSAKAL, Mustafa. Introducción. In: RAMÍREZ Gallegos, J. [et al.]. **(Re)pensando el vínculo entre migración y crisis**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Guadalajara: CALAS, 2021.

OLIVEIRA, Israel Dias de. O que é jornalismo declaratório? **Livro-Reportagem em Revista**, São Paulo, abr. 2018. Disponível em: <https://livro-reportagem.com.br/o-que-e-jornalismo-declaratorio/>. Acesso em: 30 jan. 2025.

PAIXÃO, Mayara. Temos de reiterar que somos humanos, dizem haitianos após fake news de Trump. **TH+ Portal**, 11 set. 2024. Disponível em: <https://thmais.com.br/giro-de-noticias/temos-de-reiterar-que-somos-humanos-dizem-haitianos-apos-fake-news-de-trump/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

PATRIARCA, Paola; MARQUES, Patrícia. Autoridades fazem jogo de empurra sobre morte de imigrante que passou mal no Aeroporto de SP; Defensoria Pública da União abre procedimento. **G1**, São Paulo, 6 set. 2024a. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/09/06/autoridades-fazem-jogo-de-empurra-sobre-morte-de-imigrante-que-passou-mal-no-aeroporto-de-sp-defensoria-publica-da-uniao-abre-procedimento.ghml>. Acesso em: 18 jan. 2025.

PATRIARCA, Paola; MARQUES, Patrícia. Vídeo mostra momento em que imigrante de Gana é atendido no Aeroporto de SP e levado para hospital dias antes de morrer. **G1**, São Paulo, 10 set. 2024b. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/09/10/video-mostra-momento-em-que-imigrante-de-gana-e-atendido-no-aeroporto-de-sp-e-levado-para-hospital-dias-antes-de-morrer.ghml>. Acesso em: 18 jan. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009. p. 73-117.

RIBEIRO, Jocenilson, PEREIRA, Thiago Augusto Carlos. Discurso anti-imigrante e emergência de “nova direita” na crise do contemporâneo político. **Heterotópica**, v. 1, n. 2, p. 33-57, jul-dez. 2019.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.

SCHÄFER, Heinrich Wilhelm. **El bautizo del Leviatán**: protestantismo y política en Estados Unidos y América Latina. Tomos I e II. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Guadalajara: CALAS, 2023.

SHARPE, Christina. **No vestígio**: negridade e existência. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SEGATO, Rita. **Críticas da Colonialidade em Oito Ensaios e uma Antropologia por Demanda**. Tradução Danielli Jatobá, Danú Gontijo. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldad**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

TRUMP diz que imigrantes estão comendo cachorros dos americanos e é desmentido ao vivo. **G1**, 10 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2024/noticia/2024/09/10/trump-diz-que-imigrantes-estao-comendo-cachorros-dos-americanos.ghml>. Acesso em: 12 jan. 2025.

VEIGA DA SILVA, Márcia; MORAES, Fabiana. Onde está Ruanda no mapa? Decolonialidade, subjetividade e o racismo epistêmico do jornalismo. In: MENDES, F. M. M.; QUEIRÓS, F. A. T.; SILVA, W. da C. **Pesquisa em Comunicação**: jornalismo, raça e gênero. Rio Branco: Nepan, 2021. p. 94-105.